



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14132 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

EDUCAÇÃO, ARTES VISUAIS E O COMUM

Carmen Lúcia Capra - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

EDUCAÇÃO, ARTES VISUAIS E O COMUM

Resumo: Apresenta-se a pesquisa em andamento sobre o princípio político do comum associado a educação e artes visuais. O objetivo é formar um acervo teórico-prático sobre o comum a partir de estudos e exercícios políticos, poéticos e educativos que instiguem comunidades de saberes e outras modalidades de vincular artes visuais e educação, pretendendo contribuir à formação docente, especialmente para o trabalho em escolas. Apresenta-se um recorte do interesse voltado ao coletivo, a comunidades e ao comum em pesquisas e publicações e, ao final, as considerações parciais sobre aspectos do comum a partir de ações desenvolvidas pela investigação em curso, aventando a abertura dos códigos que especializam a pesquisa e a formação docente.

Palavras-chave: Comum, Educação e artes visuais, Formação docente.

A pesquisa em andamento “Arquivo e prática do comum: gerar o que ainda não pensamos sobre educação e artes visuais” investiga o *comum* de modo teórico-prático, para mobilizar uma aproximação outra entre educação e artes visuais que não as perspectivas usuais, como a cognitiva, a estética, a cidadã e a cultural. Assim, aciona a formação de grupos experimentais de convívio e comunização, originados das possibilidades dadas à docência universitária da pesquisadora.

A investigação atenta às distâncias dadas por papéis, fronteiras e operações demarcadas como professora, artista, aluna, espectadora, academia, arte, galeria, museu,

narrativas oficiais e interações que exercem uma lógica pedagógica (RANCIÈRE, 2011). A partir daí, busca instigar exercícios políticos, poéticos e educativos que abram os contornos iniciais das vinculações para fundar "comunidades de saberes" (LADDAGA, 2012). Espera-se contribuir à formação docente em artes visuais especialmente para a atuação em escolas, desorientando as "necessidades e as obrigações de profissões, os imperativos do conhecimento, as demandas da sociedade, o peso da família, os projetos para o futuro" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 162) que incidem fortemente sobre elas.

A fundamentação perpassa autoras e autores da filosofia, das ciências sociais, da educação e do campo teórico e poético das artes visuais, reunindo conceitos, usos e práticas do princípio ontológico e político do *comum*, emparelhando-se a uma intenção foucaultiana de desprendimento de nossas continuidades (FOUCAULT, 2013) em educação e artes visuais. A constituição de um acervo teórico-prático busca por modos de produzir o que atravessa a revolta e a desobediência (MORAES; PARRA, 2020) para ativar a "imaginação institucional que possa reprogramar escolas física, política, social e conceitualmente (HOFF, 2016, p. 192).

Comunizar e fundar comuns faz pensar em comunidade, mas importa transcender a premissa da comunidade como objeto de estudo, catalogação, inclusão ou como o lócus de intervenções de melhoria social. Não é de hoje que práticas e pesquisas em educação e artes visuais abrem-se a culturas e comunidades (BARBOSA, 2005; BASTOS, 2005; MASON, 2001; RICHTER, 2003). Comunidade, contudo, vem hoje como cena política, contrastando totalmente com o esartejamento do currículo do Novo Ensino Médio, que teve a redução extrema das disciplinas humanas, entre elas, Arte, em prol de um grosseiro "apreender a empreender".

Lucimar Bello Frange (2019), perguntada sobre a importância das artes na vida, convoca a "responsabilidade ética de como produzimos vida nesse momento em Brasis e mundos tão esgarçados". Para ela, estética, estesia e ética são urgentes pela arte na educação e na vida, pois "Arte é subjetivação-coletiva! Arte é comunitária, em todas as comunidades mínimas".

A *Arte Socialmente Engajada* ajuda a pensar a partir de proposições que estão no intervalo entre as disciplinas e que dependem das "relações sociais como um fator essencial à sua existência" (HELGUERA, 2011, p. 35). Artistas não se distinguem, mas participam com todas as pessoas, onde os conflitos entre a arte e a sociologia são ser declarados e discutidos, mas não resolvidos.

O *Encontro Internacional de Reflexão Sobre Práticas Artísticas Comunitárias* (EIRPAC, Portugal), que ocorreu entre 2015 e 2021, demonstra o interesse internacional envolvendo artes e comunidades. Inspira-se em movimentos sociais que surgem paralelamente às transformações políticas mundiais, conferindo novos espaços de participação e criação da arte, possibilitando que se interprete práticas artísticas que se implicam no contexto de construção coletiva de novas realidades (CRUZ et al., 2020, p. 11).

O comum surge explicitamente na publicação “A busca do comum: práticas artísticas para outros futuros possíveis” (2020), apresentando diversos relatos sobre o fazer, produzir e compor [em] comum.

Em 2018, Henrique Parra ministra a palestra *Políticas do comum: alianças entre o sensível e o intangível* ao setor educativo da 33ª edição da Bienal de São Paulo e se defronta com a intenção educativa da bienal em incitar mudanças no “regime de sensibilidade”. Um novo vínculo ou nova aprendizagem não ocorre por programação, algo deve ser experienciado para surgir elementos copartícipes da criação de determinada situação. Daí que estruturas, normas e ritmos propiciariam a ativação de devires para um fazer comum na interação com a exposição (PARRA, 2018).

Após o recente período de alastramento mundial da Covid-19, parece crescer uma nova racionalidade na maneira mobilizar artes e educação, em um movimento em direção ao coletivo. Outra pista disso é o Dossiê *Artes em Convívio: os processos e os saberes no contemporâneo* (UFPEL, 2022), constituído artigos voltados para modos de convívio, ações nas comunidades e ações com as comunidades, em estudo.

Pretendi evidenciar a presença de intenções sobre o comum no campo de educação e artes visuais para além das intenções sociais ou multiculturais. É um recorte que visa contribuir para a re-animação de uma educação em artes, implicada com a vida compartilhada.

Nas considerações parciais, considero as ações desenvolvidas pela investigação em curso, entre as quais estão grupos de estudo, bordados urbanos, escritas coletivas. As “políticas do meio” (MORAES, 2019) nas tentativas de fundar comuns, são maneiras de ventilar as associações com e a partir do mundo acadêmico, que às vezes parece ter perdido seu princípio vital. A instituição nos administra e molda as formas de trabalhar e de nos relacionar uns com os outros (CHOI; KRAUSS, 2020), sendo fundamental para a formação docente em artes visuais a implicação com a vida, os territórios e o cuidado coletivo.

As formações improváveis desenvolvidas até então, são co-produções das quais se toma parte e cuida, desfuncionando o contrato de fundo da cultura capitalista que segue as lógicas individualizantes do direito, da propriedade e do poder. Além dos seus aspectos mais atraentes e a crítica às políticas de dominação, o comum põe à mostra as ambiguidades, as complexidades e as tensões produzidas quando se busca praticar e ou regenerar formações comunitárias. O comum é frágil, pois sustentar e protegê-lo coletivamente (um estudo, uma oficina, uma turma na universidade) requer a desassociação de modos praticados de ser, decidir, avaliar. Para desregular o instituído, reclama tempo e frequência, ainda que exista brevemente. O comum pode abrir o nosso imaginário pedagógico e os códigos nos quais nos especializamos, interrompendo as relações dadas pelos modelos econômico, acadêmico e escolar vigentes onde atuamos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O perturbamento do familiar: Uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 227-244.

CHOI, Binna; KRAUSS, Annette. Você teve um dia produtivo? *Nossa Voz – O Comum*. Ano LXXII, n. 1020. 2020. p. 34-43.

CRUZ, Carla et. al. **A Busca do Comum – Práticas Artísticas Para Outros Futuros Possíveis**. Porto: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – i2ADS, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRANGE, Lucimar Bello. **Por que as artes são importantes para nossa vida?** Disponível em : <https://www.ufrgs.br/artevera/porque-as-artes-sao-importantes-para-nossa-vida/>. Publicado no Site Arteversa em 18 mar. 2019. Acesso em: 16 abr. 2023.

HELGUERA, Pablo. Educação para uma arte socialmente engajada. In: _____; HOFF, Mônica (Orgs.). **Pedagogia no Campo Expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p. 35-44.

HOFF, Mônica. Notas para a construção de teorias refutáveis, pedagogias sem importância e escolas de garagem, ou: um bom nome para o amor. *Fábrica de Conocimiento. Escuela de Garaje*. 2016. p. 172-193.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A Pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MASON, Rachel. **Por uma arte-educação multicultural**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MORAES, Alana. Antes e depois das paredes: o comum urbano entre mulheres sem-teto na periferia de São Paulo. *arq.Urb*, (23), 2019, pp. 64–81.

_____; PARRA, Henrique. Laboratórios do comum: experimentações políticas de uma ciência implicada. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC/SP*, n.10, ago. 2020. p. 113-139.

PARRA, Henrique. **Políticas do comum: alianças entre o sensível e o intangível**. Publicado no Site Pimentalab em 2018. Disponível em <https://www.pimentalab.net/politicas-do-comum-aliancas-entre-o-sensivel-e-o-intangivel/>. Acesso em 18 abr. 2023.

RANCIÉRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.